



## **A história ensina? Desafios do tempo para o ensino de história**

Autora: Taís Haney Araújo Ferreira

Orientadora: Dra. Sônia Meneses

\*Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: [taishaney@hotmail.com](mailto:taishaney@hotmail.com)

\*Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: [sonia.urca@gmail.com](mailto:sonia.urca@gmail.com)

### **Resumo**

Este trabalho tem a finalidade de refletir sobre a história e sua missão pedagógica em diferentes experiências temporais. A partir do diálogo com a história do tempo presente e os regimes de historicidade construídos por Hartog, procurou-se levantar algumas reflexões sobre a função da história e do ensino de história dentro desses regimes, percebendo diferentes desígnios da história na sociedade com base no estudo das categorias citadas. O artigo procurou também destacar alguns desafios encontrados no campo da história e do seu ensino perante a aceleração do tempo e das inovações tecnológicas, sua incorporação na sociedade e conseqüentemente no ambiente escolar. Mediante as ponderações que serão realizadas nesse texto buscaremos estabelecer uma relação entre tempo e ensino de história, analisando a relevância deste conjunto em cada regime de historicidade delineado ao logo do texto e em especial no período contemporâneo. Para este trabalho abordamos a revisão de literatura para ancorar os conceitos e reflexões. A partir do estudo teórico conseguimos perceber as concepções de história que marcam cada período histórico demarcados por “regime” e como as narrativas sobre o papel da história vão modificando e atribuindo sentidos a historiografia, mentalidade e relações políticas e sociais. Não há como conceber a história dissociado do período em que está inserida por isso acreditamos que o diálogo da história frente a sua trajetória é imprescindível para o entendimento dela enquanto ciência e participação na construção social. Compreendendo a importância de questionar-se sobre a teoria e o papel que a história desempenha na nossa sociedade, esperamos colaborar para o nicho de questões referentes ao campo da história.

Palavras-chave: história, ensino de história, temporalidade.

### **1. Introdução**

Este artigo tem como objetivo lançar reflexões sobre história e ensino, buscando analisar o papel da história e sua missão pedagógica em diferentes experiências temporais. A partir do estudo dos regimes de historicidade formulados por François Hartog dialogando com a compreensão de tempo ponderamos sobre as concepções de história em diferentes épocas.

Mediante a aceleração de tempo que vivenciamos, colocaremos em pauta algumas questões sobre o ensino de história na contemporaneidade vinculados às concepções de tempo que vivenciamos.



A célebre pergunta de uma criança ao pai, narrada por Marc Bloch e amplamente investigada durante a introdução aos estudos de história, aparentemente simplória, trás em sua essência uma especulação sempre repetida por historiadores, professores, alunos e estudiosos da área: "Diga-me lá, para que serve a história?". No desconforto dessa indagação nos deparamos a pensar a função da história. Se ela traz consigo uma longa memória do seu uso pelas sociedades humanas e seus fazeres, é também incumbida de servir ao ser humano em um panteão de intencionalidades criado pelo mesmo. De alguma forma a história sempre exerce alguma função.

Nessa perspectiva esta pesquisa se propõe investigar os caminhos dos usos e funções da história a partir de uma indagação que adveio de algumas reflexões sobre o sentido da história. "A história ensina?"

Tal pergunta nos encaminha a pensar a história e sua missão pedagógica construindo pontes entre o passado e o presente, visto impossível dissociá-la de sua dimensão temporal, percebemos a importância de construir um trajeto mediante aos sentidos e representações que vão sendo edificadas em torno da história a partir de espaços de tempo.

Como lembra Koselleck "A história sempre tem a ver com o tempo, com os tempos que permanecem vinculados e uma condição espacial não só metafórica, mas também empiricamente" (2014, p.9). Nesse sentido para a compreensão dos fenômenos históricos é preciso compreendê-los em suas dimensões temporais e espaciais e as características que permitem em cada espaço-tempo empregar determinados sentidos e concepções que definem as funções que a história deve desempenhar naquele espaço.

Este texto tem como base de reflexão uma pergunta primordial: A história ensina?

Ao fazê-la, podemos adentrar uma aporia: do saudosismo de uma história mestra até uma intriga ou esvaziamento do sentido da história. Por isso nos desafiamos colocá-la eixo norteador.

Como abordagem metodológica, faremos uso da revisão de literatura para ancorar os conceitos que corroboram este estudo. Salientando a não pretensão de reduzir o terreno da pergunta a qualquer tentativa de definição ou caminho necessário de compreensão, o texto pretende lançar algumas reflexões sobre o tema a fim de compreender a perspectiva pedagógica da história mediante as estruturas de tempo.

## **2. Metodologia**



A investigação é inerente ao trabalho do historiador, guiado pelas perguntas percorre o caminho de vestígios deixados pelas fontes usando a lupa do método. O olhar do historiador sobre as fontes e suas interpretações constroem a escrita histórica e embora a impossibilidade de viajar no tempo e gerar uma narrativa verdadeira e fiel do passado, a pesquisa histórica consegue tornar o passado menos alheio, realizar descobertas, interpretações e a construção de hipóteses possíveis. Instiga-nos a pensar sobre as experiências humanas e suas relações ao longo do tempo.

Para este trabalho abordamos a revisão de literatura para nos auxiliar no levantamento de reflexões relacionadas ao tempo histórico e a função que a história na sociedade humana a partir do conceito de regime de historicidade proposto por François Hartog e das percepções sobre o tempo, elucidadas por Reinhart Koselleck.

Compreendendo a importância de questionar-se sobre a teoria e o papel que a história desempenha na nossa sociedade, esperamos colaborar para o nicho de questões referentes ao campo da história.

### **3. Resultados e discussão**

Recordando uma frase de Tocqueville podemos sintetizar a ideia geral pregada pelo antigo regime: “Quando o passado não mais lança luz sobre o futuro, o espírito caminha nas trevas...”. A noção generalista da regência do presente pelo passado caminhou como farol na perspectiva da história por muito tempo. Nesse pensamento a humanidade deveria operar à luz do ensinamento do passado com base nas experiências anteriores, com o conhecimento do erro, aprender a não o repetir (apud HARTOG, 2003, p. 02).

Como um grande maestro, reger também na orquestra do tempo, o futuro. Não só o passado influenciava diretamente a ação no presente como detinha também o poder de prever o que estaria por vir. O passado como um oráculo possuía então a capacidade de revelar não só a lembrança, como também um vislumbre do que não aconteceu.

Essa perspectiva de história deu origem ao que chamamos “*História Magistra Vitae*”, a história mestra da vida, tinha, sobretudo, uma função muito clara, a de ensinar. A missão pedagógica da história mostrava o caminho a ser seguido mediante pressupostos e limites baseados na exemplificação do passado mediado pela longa duração estrutural do tempo.

“A estrutura temporal da história passada delimitava um espaço contínuo no qual acontecia toda experimentação possível”. Dessa



forma, o presente não trazia consigo novas nuances possíveis, mas um cenário no qual as experiências eram sempre baseadas na correção do que já havia sido vivido. Os grandes atos deveriam ser repetidos e os que não foram deveriam ser aprendidos para não cometê-los novamente (KOSELECK, 2005, p.43.).

A história *Magistra Vitae*, cunha também para si, uma sacralização e legitimação dos exemplos. Ela não só instruía, mas revelava a verdade. Para além do campo teleológico a história se fazia prática. Tanto no espaço intelectual como social e político.

Pioneira em servir como testemunho e profeta, bem como justificar os meios e fazeres a partir de comparativos de experiências, a narrativa exemplar fornecia mecanismos essenciais da oratória. Podemos localizar exemplos cotidianos, bem como características das nossas sociedades que demarcam a territorialização da experiência.

Podemos destacar, por exemplo, a figura dos anciãos. Nas mais diversas sociedades eles detinham um lugar de privilégio devido a experiência vivida. Desde aldeias indígenas até grandes cidades estados, impérios e etc. Na vida privada, eram eles que exerciam a chefia da família e ensinavam às novas gerações o que deveria ser aprendido. Um provérbio africano reflete bem a importância que o grupo detinha na vigência do antigo regime: “Na África, cada ancião que morre, é uma biblioteca inteira que se queima”.

Na oratória, principalmente quando em referência à modelos helenísticos, o emprego desse tipo de história se fazia recorrente. Segundo Koselleck (2005, p.43) “Neste caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência”. Assim o discurso emitido tornava-se imortalizado pelo condutor. Na historiografia da antiguidade, a repetição desse ponto de vista transcende muito além do seu tempo e de muito depois, organizando as narrativas e categorias de história seguintes.

### **1.1 Do passado perpétuo ao presente contínuo**

Percebendo a concepção de história *magistra* a partir da categoria de regime de historicidade tecida por Hartog, podemos analisar melhor a influência desse tipo de história, bem como sua duração, declínio e resquícios.

Nesse direcionamento podemos compreendê-la enquanto um regime de historicidade que definiu a concepção de história pensada, produzida e vivenciada em determinado espaço-tempo. Como o autor os define, podem ser



“Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma seqüência de estruturas.” (HARTOG, 2005, p. 02).

Nesse sentido, contamos com a lente usada por Hartog para analisar a influência do antigo regime no pensar a história, direcionando-a à pergunta que rege esse trabalho.

O antigo regime assinala certa previsibilidade do futuro, o passado exemplar conduzia tanto os historiadores, quanto outros intelectuais e demais atores sociais. Temos aí um vasto campo de narrativas elucidadas pela intensa representação do passado. Desde Cícero na antiguidade até a modernidade como Maquiavel quando este utilizava-se pedagogicamente do passado em sua obra “O príncipe”. A função professoria da história perdurou mediante ápice, esquecimento e retorno (CESAR, 2014).

Quando propõe os regimes de historicidade Hartog não exclui um em detrimento de outro, pelo contrário, salienta a coexistência. O que fica claro é a preponderância de um em relação aos demais. O que também acompanha a chamada transição é a compreensão de tempo de determinado período.

Tomamos o tempo, enquanto estreitamente relacionado ao regime, a aceleração deste na modernidade faz exaurir a exaltação do passado e privilegiar o presentismo. “A história exemplar dissolvía-se diante da aceleração do tempo” (KOSELLECK, 2005, p. 59). Se o passado não era mais sólido, nem deste dependia mais o presente, temos aí a transição para um novo regime que acorde com o tipo de história que se queria a partir daí.

Com o regime moderno a possibilidade de recorrência vai perdendo sentido. Todavia, o regime anterior não se esgota facilmente, seus fragmentos ainda persistem. Mas o que marca essa nova estrutura de tempo é a ideia de progresso (KOSELLECK, 2005, p. 56.).

A partir do século XVIII e consolidação do posterior, as experiências da história passam a ser substituídas. O olhar da história que outrora admirava o passado se vira agora para o futuro. A expectativa do que ainda não foi e a possibilidade da realização se lança sobre o passado. É o desejo da realização que passa a administrar o presente. Contudo, a função pedagógica da história não se acaba, como chama a atenção, Temistocles César “há uma reabilitação dos ensinamentos da história, apenas o fluxo se inverte: o aprendizado e os exemplos não vêm mais do passado, mas do futuro” (2014, p. 106).

É possível observar que embora haja a mudança na configuração e organização de se pensar a história, ela continuava a ensinar. O mestre da história, o passado, era substituído pelo futuro.



A partir do século XX, a capacidade da história de ensinar passa a ser severamente questionada. Há uma incredulidade na possibilidade de se aprender com a história. De fato, se recordamos acontecimentos catastróficos como o holocausto, guerras mundiais, civis, étnicas, inclusive o próprio “processo civilizador ocidental” que deixam mazelas ainda não superadas na nossa sociedade, fica difícil não questionar o nosso aprendizado como ser humano e se bestializar com a frieza do mal que se revela. É difícil também em meio a tantos exemplos do passado, por que a humanidade continua a repetir erros que deveriam ter sido aprendidos com a história?

Nos dias atuais, o contemporâneo, como nosso regime em ascensão, abandona a perspectiva de progresso. Ora, se o passado não rege mais nossos fazeres nem o futuro é tão promissor, o presente vigora meio a um tempo em que a verdade é construção e não há nada que não possa ser questionado, inclusive a própria ciência histórica. O que faria Toqueville nesse mundo do imediato? Talvez para os antigos seríamos o exemplo das trevas na terra.

Vivenciando um tempo no qual o presente é vivido “sem consulta” do passado ou futuro, no sentido pedagógico do exemplo, grosso modo, se faz anacrônico pensar que a história ensina. E se ensina, ensina o quê? Num cenário no qual todo mundo é uma ilha, é complexo também pensar num ensino coletivo. Seria também um erro generalista dizer o inverso, sem considerar as singularidades.

## **2.2 A aceleração do tempo e os novos desafios para o ensino de história.**

No estudo da física, de forma genérica, concebemos a aceleração enquanto “variação” da velocidade sob o intervalo de tempo. Esta força faz ocasionar uma alteração em um movimento até então uniforme e gradativo. Um corpo que faria um determinado trajeto em uma velocidade contínua, ao ser acelerado, se locomove mais rapidamente em menor tempo, dentro de um mesmo espaço/percurso, atribuindo ao corpo uma variação do espaço percorrido em relação ao tempo.

Tomando o exemplo para o campo da história nós enquanto “corpos”, experimentamos essa mesma experiência. Adentrando mais uma vez no conceito de regime de historicidade, podemos perceber variações de tempo de acordo com as estruturas históricas.

No século XVII, uma carta demorava meses e mesmo anos para chegar ao destinatário, na locomoção não era diferente, seguia um ritmo similar. No século seguinte a organização da comunicação e dos meios de



transportes passava a significar outra composição de espaço-tempo, as experiências iam se aprimorando gradativamente. Principalmente após a Revolução Industrial o ritmo de mudanças passam a crescer exponencialmente. As relações econômicas, militares, políticas e sociais transcorrem uma velocidade maior e experiências densas que iniciam mudanças na estrutura global com os avanços da ciência e da técnica. Analisando as mudanças espaços-temporais Koselleck menciona que do século XVII para o ano 2000 a população mundial salta de mais ou menos meio bilhão para 6 bilhões de habitantes. (KOSELLECK, 2014)

Em suma enquanto corpos e agentes da trajetória humana:

Cada espaço de ação humano público ou particular, seja no âmbito da observação e da interação interpessoal ou no âmbito da interdependência global, sempre tem também, é claro, uma dimensão temporal para que possa ser vivenciado. As condições diacrônicas, que constituem o espaço da experiência, participam dele tanto quanto as expectativas que, razoáveis ou incertas, lhe são vinculadas. Proximidade e distância, que delimitam um espaço de diversas maneiras, só podem ser experimentadas no tempo, a partir do qual a proximidade imediata ou a proximidade mediada podem ser extrapoladas ou transpostas (KOSELLECK, 2014, p.83).

Nesse sentido na contemporaneidade experimentamos uma aceleração ascendente. As condições sociais e tecnológicas mediam um espaço no qual o passado não consegue ser apreendido na experiência. A força de aceleração a qual somos atingidos no século XXI regula um presentismo recorrente e contínuo.

Os diversos dispositivos tecnológicos, acessibilidade e comunicação se incorporaram culturalmente na nossa sociedade. A fragmentação de gerações pode ser percebida de forma curta no âmbito do seu acesso tecnológico. A aceleração nos impulsionou vivenciar diversas experiências ao mesmo tempo, nos comunicarmos com várias pessoas em tempo real e simultâneo. Se compararmos ao desenvolvimento técnico do século XX, por exemplo, que obteve muitos avanços técnicos e militares, estamos numa nova configuração que não atinge diretamente apenas determinados grupos, mas toda uma cultura de massa.

Se toda essa rede tecnológica alcança praticamente em sua totalidade o cenário mundial, nas salas de aula não é diferente. Nossos alunos, advindos do final da década de 1990 e anos 2000 nasceram e crescem meio a uma cultura tecnológica. Os dispositivos móveis e multitarefa como é o caso dos smartphones fazem parte do cotidiano e da vida social e privada dos alunos.

Na sala de aula professores competem pela atenção dos alunos com muitos outros tipos de veículos de informação. A relação temporal vivenciada por um estudante que está habituado a



conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo, usando de vários tipos de narrativas, linguagem e iconografia promovem, em muitos casos, o desinteresse pela aula.

O universo das redes sociais do qual os jovens, dentre a maioria dos usuários, relatam sua vida, rotina, interesses, burlam muitas vezes a realidade e criam novas possibilidades. O acesso rápido de conteúdo faz com que as informações sejam apreendidas, porém, na maioria dos casos, não refletidas nem investigada a veracidade.

Dessa forma como professores, em especial os de história que trabalham diretamente com a percepção de tempo, podem lidar com a aceleração do tempo que presenciamos? Como ser mais sedutor que os artifícios atraentes das redes sociais? Como estabelecer uma função prática para o ensino de história? Como fazer a disciplina interessante e relevante para os alunos?

Historiadores e professores de história advêm de uma cultura de estudo do “passado” que vem sendo transposta, principalmente pela história do tempo presente.

A noção de história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório que sofre alterações ao longo do tempo. Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções. Outra singularidade do tempo presente é a valorização do evento, da contingência e da aceleração da história. O trabalho do historiador enfrenta também aí dificuldades, porque ele mesmo é também testemunha e ator de seu tempo. (DELGADO; FERREIRA, 2013, p.23).

A ruptura com a unicidade do passado e a reflexão do presente se faz inerente ao ensino de história. A fluidez dos acontecimentos se faz presente no espaço que experimentamos e o diálogo com o tempo pode e deve ser pensado para compreender as questões atuais que influenciam diretamente na vida social e privada, pois num mundo onde grandes acontecimentos são presenciados em tempo real independe do lugar de ocorrência e os mesmos vão ganhando significados de acordo de como as narrativas que são construídas e visualizadas pela sociedade.

Seria ocioso reter-se no passado com a emergência de questões presentes que precisam ser analisadas, discutidas e refletidas em sala de aula. Faz-se necessário buscar um diálogo do passado e do presente, para que o conteúdo possa ser repensado e compreendido e não congelado no tempo.

Não há como esconder ou inibir o acesso e a participação da tecnologia no ambiente escolar. Estas também são questões presentes e que



precisam serem refletidas no trabalho pedagógico. A incorporação das novas tecnologias em todos os setores da sociedade é evidente. Muitas vezes poder se apresentar como vilãs ou como ferramentas indispensáveis no mundo contemporâneo. Na sala de aula muitas vezes aparece como distração e muitos profissionais ainda não as incorporaram em suas ferramentas metodológicas. Contudo não há mais como impedir ou repudiar o uso. A parceria com as mesmas, no ensino, pode ser proveitosa e ampliar as possibilidades e recursos dos professores (CERRI, 2006; FERREIRA, 2004).

### 3. Conclusões

Como dizia Platão na alegoria da caverna, é preciso transpor o muro. Se esvaziarmos o significado pedagógico da história, chegaríamos a um paradigma que seria muito caro ao ensino de história. Para que ensinar história?

Nossa sociedade não devemos mais buscar uma história profetizante, mas uma história que nos proporcione a capacidade de agir a partir da investigação e reflexão dos acontecimentos, que revelam as diversas experiências humanas no tempo.

Devemos aprender com a história não como meros personagens, tampouco presos a exemplos, mas pela possibilidade de interpretar e discernir. Se admitirmos a história caminhando junto a alteridade, levando em consideração as subjetividades dos indivíduos, podemos nos permitir pensar nela como instrumento pedagógico.

Não devemos subestimar a competência da história em sua função social, política e prática. Mesmo perante a individualidade, pode ela se tornar coletiva quando utilizada para tal, e mesmo servir ao indivíduo nas possibilidades que este a colocar. Sem conhecimento de si perdemos sentido da existência, a partir das condições que a história oferece podemos definir propósitos e relações dentro da nossa conjuntura social e atribuir sentido à nossa experiência de ser no mundo.

### Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís, MONTEIRO, Ana Maria. (Org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

CESAR, Temístocles. O sentido de ensinar história nos regimes antigo e moderno de historicidade. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra. **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.



CERRI, Luis Fernando. Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professores. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 221-238, 2006.

\_\_\_\_\_. Os objetivos do ensino de história. **Hist. Ensino, Londrina**. V. 5, p. 137 – 146, 1999. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12442/10931>

DELGADO, Lucilia de Almeida neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**. V.2, n. 4, p 19– 34, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90/70>.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. As novas tecnologias no ensino de história: o estado da arte. In: **Ensino de história: reflexões e novas tecnologias**. Salvador: Quarteto, p.125-140, 2004

HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**. n.148. 2003. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18952>>

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC - Rio de Janeiro, p. 305-327, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.